

# APRESENTAÇÃO

## PRESENTATION

O presente número de *Veritas – Revista de Filosofia* se nutre ainda de trabalhos apresentados quando da visita do filósofo norte-americano Alvin Carl Plantinga (1932 – ) ao Brasil, em particular da segunda etapa do “Simpósio de Filosofia da Religião, Ontologia e Epistemologia – Diálogo com Alvin Plantinga”, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, de 29-30 de agosto de 2011, e com enfoque em epistemologia<sup>1</sup>. Dois trabalhos que insinuam reflexões críticas sobre a epistemologia geral e da religião de Alvin Plantinga abrem o número<sup>2</sup>. Assim o faz Rogel Esteves de Oliveira, em “Plantinga’s epistemology of religion – some questions”/ “A epistemologia da religião de Plantinga – algumas questões”. Para tanto, o autor imagina dois interlocutores refletindo sobre a epistemologia proposta, a saber, “um não-crente” ou “agnóstico sobre Deus, espíritos e coisas semelhantes”, e por outro lado “um crente cristão”, que adota de forma sincera as doutrinas centrais do cristianismo. Os questionamentos do não-crente se estendem desde a ideia de que a epistemologia reformada não vai muito adiante da adoção da cláusula confiabilista adicionada

<sup>1</sup> Cf. PICH, R. H. e MÜLLER, F. de M. “Apresentação e uma nota sobre Alvin Plantinga”, *Veritas*, 56 (2011), p. 3ss.

<sup>2</sup> Na ocasião do “Simpósio de Filosofia da Religião, Ontologia e Epistemologia – Diálogo com Alvin Plantinga”, na etapa em Porto Alegre, as conferências de Alvin Plantinga tiveram os seguintes títulos: “The Epistemology of Christian Belief” e “The Evolutionary Argument Against Naturalism”. A primeira conferência resumiu em grandes traços a epistemologia da religião de Plantinga como apresentada em PLANTINGA, A. *Warranted Christian Belief*. Oxford: Oxford University Press, 2000; a segunda conferência foi uma versão abreviada do Capítulo 10 de PLANTINGA, A. *Where the Conflict Really Lies: Science, Religion, and Naturalism*. Oxford: Oxford University Press, 2011, sendo, pois, a versão mais recente do “argumento evolucionário contra o naturalismo”. De toda maneira, as arguições que seguiram as conferências, e são publicadas parcialmente no presente número de *Veritas*, não se concentraram necessariamente no tópico específico das mesmas, mas foi permitido que se dirigissem a aspectos importantes da epistemologia (e da epistemologia da religião) de Alvin Plantinga como um todo.

<i>Veritas</i>	Porto Alegre	v. 57	n. 2	maio/ago. 2012	p. 5-17
----------------	--------------	-------	------	----------------	---------

de aspectos de ambiente epistêmico correto, passando pela dúvida de que seja aceitável uma epistemologia da fé que traga à cena ideias debatíveis como a “instigação interna do Espírito Santo” na geração de crenças teístas básicas e de que seja aplicável filosoficamente a noção de “confiabilidade” a esse processo até a crítica ao bordão de Plantinga, de que “se a fé cristã é verdadeira, então ela é provavelmente avalizada [epistemicamente]”, em que se mostra o quanto questões de aval epistêmico (*de jure*) dependem de questões *de facto*. Ademais, Agnaldo Cuoco Portugal, em “Plantinga and the Bayesian justification of beliefs” / “Plantinga e a justificação bayesiana de crenças”, busca mostrar que a crítica que Plantinga faz ao bayesianismo e seu potencial de explicar “a noção de racionalidade” não pode ser aplicada ao bayesianismo em sentido geral. O autor indica que Richard Swinburne, por exemplo, trabalha uma forma de bayesianismo que a crítica de Plantinga não tange. Há certa inconsistência na leitura que Plantinga faz do bayesianismo e do “problema da probabilidade decrescente”, motivo que leva o autor a afirmar que o bayesianismo ajuda a entender elementos do raciocínio indutivo, sobretudo os elementos “relativos aos argumentos cumulativos”.

Em um segundo bloco, o presente número de *Veritas* traz um artigo sobre epistemologia contemporânea e outro sobre temas de epistemologia na obra de C. S. Peirce. Em “Uma solução não convencional para o problema de Gettier” / “A non-conventional solution for the problem of Gettier”, Luís Estevinha Rodrigues retoma o “problema de Gettier” na epistemologia contemporânea e apresenta uma “posição otimista” com respeito à meta de encontrar uma “saída” para o mesmo. Para o autor, cabe definir o conhecimento proposicional por meio de uma “fórmula aberta”, que, em substituição à terceira condição necessária que define conhecimento, ou seja, a “justificação”, além de “crença” e “verdade”, contenha uma “variável” capaz de tomar “valores consoante o que é necessário e suficiente para haver sucesso epistêmico em circunstâncias específicas”. Ivo Assad Ibri, em “Choices, dogmatics and bets – justifying Peirce's realism” / “Escolhas, dogmáticas e apostas – justificando o realismo de Peirce”, sustenta que o realismo de C. S. Peirce é o eixo de suas teses filosóficas. Por primeiro, o autor investiga o ensaio *Questões referentes a certas faculdades reivindicadas pelo homem*, de Peirce, e identifica ali diretrizes de realismo que mais e mais se radicalizam nas obras maduras. A fenomenologia de Peirce, que fundamenta a semiótica e uma onipresente “concepção de simetria” ligada à epistemologia e à ontologia, consolidará o realismo periciano. Complementa essa visão do realismo a investigação dos conceitos de “mediação” e “representação”, que compõem igualmente o pragmatismo de Peirce.

Iniciando um conjunto de texto dedicados à lógica e à filosofia da linguagem, Jaime Parera Rebello, em “Modalidades e identidade transmundana” / “Modalities and transworld identity”, assevera que modelos baseados em mundos possíveis são úteis para a interpretação de expressões modais. Filósofos e matemáticos, porém, fazem diferente uso desses modelos. O objetivo do filósofo é obter melhor compreensão da linguagem, o que traz certa imposição de limites ao seu uso dos modelos. Exemplo disso é o uso da noção de identidade transmundana em questões da filosofia. O autor quer mostrar, por um lado, que o uso irrestrito dos modelos, para esse tema, é ilegítimo. Por outro lado, o autor indica de que maneira um bom uso pode ser encontrado. Explica-se o tipo de estrutura que parece adequada para aplicar modalidades a particulares, apresentando-se aplicações formais do modelo e as condições de aplicação da noção de identidade transmundana na interpretação da linguagem natural. Jasper Doomen, em “Conceptualizing meaning” / “Conceitualizando significado”, investiga o significado de descrições que, devido ao caráter particular de seus objetos, foram interpretadas de diferentes modos, dando ensejo ao debate sobre o sentido em que alguém é capaz de falar sobre a existência de um objeto de descrição. No estudo, vários tipos de descrições são abordados; a pergunta sobre quais entidades existem e quais não existem é tratada e, com relação a isso, de que modo o “significado” deve ser entendido.

Em seguida, Mario Ariel González Porta, em “La evolución de la crítica fregueana al psicologismo” / “The evolution of the Fregean critique of psychologism”, explora a tese de que existe uma evolução na crítica de Frege ao psicologismo, cabendo explicitar, a partir dos seus escritos, as diferenças entre a posição de 1884 e a de 1893. Depois disso, Bernardo Gonçalves Alonso, em “A tese da veracidade na teoria da informação fortemente semântica de Floridi e o paradoxo de Bar-Hillel-Carnap” / “The veracity thesis in Floridi’s theory of strongly semantic information and the Bar-Hillel-Carnap paradox”, defende que a Teoria da Informação Fortemente Semântica de Floridi (TIFS) está correta ao assumir a Tese da Veracidade, ou seja, uma tese orientadora da “definição de informação semântica”. O autor defende que a TIFS “não é arbitrária” e, em especial, evita o paradoxo de Bar-Hillel e Carnap, do qual a “teoria clássica da informação semântica” não está livre. Após discutir resultados centrais da teoria clássica e resumir motivações para uma “lógica de estar informado”, Bernardo Gonçalves Alonso examina e defende a TIFS, mostrando “que ela restringe aleticamente a extensão do conceito clássico de informação para evitar problemas com tautologias e contradições”.

Na seção de *Varia*, tem-se por primeiro o artigo de Henry Burnett, “A metafísica da música de Arthur Schopenhauer” / “Arthur’s Schopenhauer’s

*metaphysics of music*". Segundo o autor, *O mundo como vontade e representação*, de Schopenhauer, constitui uma das principais fontes da primeira fase produtiva de Nietzsche. Em destaque está a *metafísica da música*, desdobrada no terceiro capítulo da obra de Schopenhauer, e os pontos de influência sobre o jovem Nietzsche. Dax Moraes, em "Princípio de razão e o "conhecimento das causas": pensamento, representação e a possibilidade de saber em geral" / "Principle of reason and "knowledge of causes": thought, representation and the possibility of knowledge in general", parte da conhecida tese de que "conhecer é conhecer a causa". O autor tem a pretensão de determinar o âmbito e o alcance da tese, pondo em perspectiva as suas limitações e consequências sobre o pensamento moderno e contemporâneo. Na discussão mesma da tese do conhecimento das causas está a pergunta fundamental sobre se o pensamento humano é apenas representacional ou não.

Finalizando a seção de *Varia*, o presente número traz ainda uma publicação sobre filosofia cristã e tardo-antiga. Rogério Miranda de Almeida, em "Agostinho de Hipona e as ambivalências do seu filosofar" / "Augustine of Hippo and the ambivalences of his philosophy", analisa algumas das ambiguidades que marcam a posição de Agostinho de Hipona sobre a "cultura pagã", em especial sobre a filosofia grega. Para o autor, Agostinho se situa "em um meio-termo", expresso pelo "paradoxo do entre-dois" – em que Agostinho não equipara a sabedoria cristã à filosofia grega nem reivindica um puro antagonismo entre a "sabedoria cristã" e a "sabedoria pagã". Na perspectiva do "entre-dois", Rogério Miranda de Almeida examina (a) "a relação entre filosofia e religião cristã", (b) "o problema dos "filósofos platônicos"" e (c) "os conceitos de reminiscência e memória".

O presente número encerra com duas resenhas de Paula Oliveira e Silva, a saber, dos livros MEIRINHOS, J. F. *Bibliotheca Manuscripta Petri Hispani*. Os manuscritos das obras atribuídas a Pedro Hispano. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2011, 709p. ISBN 978-972-31-1387-7, e LIZINNI, Olga. *Fluxus*. Indagine sui fondamenti della metafisica e della física di Avicena. Bari: Edizioni di pagina, 2011, 679p. ISBN 978-88-7470-123-0.

Roberto Hofmeister Pich  
Felipe de Matos Müller